

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS

CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O HERÓI

UMA MITOLOGIA DA VIDA COTIDIANA

Dissertação apresentada como
exigência para obtenção do
título de MESTRE EM PSICOLO-
GIA DA PERSONALIDADE à Banca
Examinadora da Fundação Getú-
lio Vargas do Rio de Janeiro.

MARIA DO SOCORRO MAIA CHAVES ARRAIS CAMPOS

ORIENTADOR: PROF. DR. FRANCO LO PRESTI SEMINÉRIO

RIO DE JANEIRO
1989

FEV
200
PRETO

BANCA EXAMINADORA:

A G R A D E C I M E N T O S

Ao Prof. Dr. Franco Lo Presti Seminério, orientador desta pesquisa, expresso o meu reconhecimento pelas orientações esclarecedoras, segurança nas sugestões e análises críticas, pelo apoio de sua competência científica e profissional, pela amizade e atenção dispensada na realização deste trabalho.

Ao Dr. João M. Matta, analista junguiano, pela valiosa ajuda nas discussões e sugestões que influíram definitivamente no tema da pesquisa.

À amiga e psicanalista Lourdes Cardoso, presença firme e constante em exaustivas horas de estudo.

À Professora Monique Rose-Aimée Angras, pela contribuição no início do desenvolvimento do projeto de dissertação.

Aos professores Sebastião Santana e José Anchieta, pela eficiência e prontidão na revisão ortográfica.

Ao meu marido Álvaro e nossa filha Bárbara, pelo amor e apoio em todas as fases do trabalho, como pela compreensão à ausência em tantos momentos que poderiam ter sido a eles dedicados.

Aos meus pais, Odilo Maia Arrais e Dadá Chaves Arrais e meus irmãos Ondina, Miguel, Alice e Agostinho, pelo carinho e incentivo tanto no início quanto na conclusão deste trabalho, a quem dedico especial gratidão, respeito e sobretudo minha admiração.

Aos meus amigos, Rubens César e Ylza, pelo apoio durante todo o mestrado e em especial, pelo convívio da minha estada no Rio de Janeiro, a quem sou profundamente agradecida.

À todas as pessoas que participaram diretamente da pesquisa, pela contribuição com suas experiências pessoais, pela disponibilidade e presteza às exigências metodológicas, pois sem elas não seria possível a realização deste trabalho.

R E S U M O

O presente estudo teve por objetivo, através da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, configurar a emergência do mito do herói no desenvolvimento psicológico do homem contemporâneo, vinculando-o a uma perspectiva simbólica. Observou-se que as forças simbólicas, através das quais os mitos se expressam, não perderam importância para a humanidade, mas ao contrário, servem como mediadores entre os processos conscientes e inconscientes.

A dimensão arquetípica reconduz o ser humano à experiências vividas repetidamente durante milênios, na tentativa de situá-lo na sua condição de ser participante do mundo em que vive. A mudança é apenas no modo como o mito é pontuado em sua determinada época.

A validade do simbolismo arquetípico do herói, com muita propriedade, projeta-se através dessa demanda, porque sua manifestação ocorre em todos os locais e culturas inscrevendo sua característica universal ou coletiva.

Na realização desta pesquisa foi utilizado o Teste de Apercepção Temática de Murray e relatos de sonhos coletados de um grupo de 27 pessoas, das quais quinze são do sexo feminino e doze do sexo masculino, adultas e normais no tocante aos aspectos de natureza psicológica do ser humano.

As narrativas de histórias do TAT e os sonhos apresentados foram utilizados à guisa de ratificar a teorização aqui exposta.

Este estudo constatou, dentro de uma relativa elasticidade do modelo analítico, a emergência do mito do herói de maneira transparente, tanto nas histórias como nos sonhos que é o modo específico do inconsciente se comunicar com a consciência numa linguagem metaforizada, dialetizada, mas que fornece senhas que facilitam ir aos conteúdos e motivos básicos da totalidade psíquica.

Finalmente, buscou a compreensão do significado psicológico da polaridade do mito do herói no desenvolvimento da personalidade, descrevendo as três etapas da trajetória e evolução do herói, interligando histórias e sonhos, que remetem ao processo de individuação e conduz o indivíduo a retomada de um viver mais maduro, conseqüente e sobretudo singular.

Í N D I C E

	Página
RESUMO	V
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
1 - JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	2
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PERSONALIDADE SEGUNDO JUNG	8
2 - ASPECTOS BÁSICOS DO MITO DO HERÓI	11
3 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
CAPÍTULO III - PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA E METODOLOGIA	28
1 - ENUNCIADO DO PROBLEMA ESPECÍFICO	29
2 - DEFINIÇÃO DOS TERMOS USADOS	29
3 - METODOLOGIA	34
CAPÍTULO IV - O MITO DO HERÓI E SUA TRAJETÓRIA ...	37
1 - NASCIMENTO	39
2 - LUTA E CONFLITO	43
3 - TRIUNFO/DERROTA	48
CONCLUSÕES	52
BIBLIOGRAFIA	56

CAPÍTULO I

I N T R O D U Ç Ã O

1 - JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

O propósito da pesquisa foi examinar a emergência do mito do herói no desenvolvimento psicológico do homem contemporâneo. Isto é, buscou a compreensão do significado psicológico da polaridade do mito do herói no desenvolvimento da personalidade.

Muitos pesquisadores já escreveram sobre o significado dos mitos, dos contos de fada, das lendas, da alquimia. Já descreveram sobre a história das religiões, das raças, das artes, dos povos etc. Porém, o suporte teórico das referências que utilizamos como paradigmas neste trabalho, reportam-se às postulações de JUNG e aos estudos dos seus colaboradores e seguidores, sem a pretensão de situar o tema anteriormente aos estudos de JUNG.

Nas últimas décadas, se tem constatado uma lacuna significativa no tocante ao interesse pelo estudo da representação arquétípica do mito do herói no cotidiano do homem contemporâneo. Os estudos e as pesquisas mais freqüentes, conduzidas por psicólogos, no campo da mitologia multiplicam-se. Porém, a ênfase desses trabalhos na sua maioria está voltada para a mitologia clássica com o estudo das figuras mitológicas dos antigos gregos. Visível é a falta de interesse em focalizar os mitos do homem de hoje, sobretudo do homem brasileiro (Psychological Abstracts, 1975 a 1985).

Por que os mitos passam de geração a geração provocando fascínio e emoções? A que se deve tamanha abrangência?

De acordo com o material recolhido podemos afirmar

que o homem é antes de tudo um ser mítico. Para AUGRAS(1983), o mito tenta apreender a realidade em toda sua complexidade, sem afastar nada, sem privilegiar um elemento em prejuízo de outro. Conforme JUNG (1962), os mitos são principalmente fenômenos psíquicos que revelam a própria natureza da psique. Resultam da tendência incoercível do inconsciente para projetar as ocorrências internas, que se desdobram invisivelmente no seu íntimo sobre os fenômenos do mundo exterior, traduzindo-as em imagens. Assim,

"não basta ao primitivo ver o nascer e por do sol; esta observação externa será ao mesmo tempo um acontecimento: o sol no seu curso representará o destino de um deus ou herói que, em última análise, habita na alma do homem". (JUNG, 1984, p. 12).

Portanto, com base nos estudos sobre a evolução humana, a história tem demonstrado a necessidade do homem em recriar mitos através da produção de líderes, profetas, cantores, artistas, jogadores de futebol, atores, mágicos, verdadeiros heróis do cinema e da TV. Ou seja, os mitos têm mantido até o presente sua pujança vital porque tratam dos perenes problemas existenciais, sociais e morais que continuam atormentando a humanidade.

É reconhecendo estes aspectos que concordamos com SILVEIRA (1981), quando diz que os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os humanos. Por isso, temas idênticos são encontrados nos lugares mais distan

tes e diversos. A partir dos resíduos básicos, é que novos mitos são recriados com roupagens diferentes, segundo as épocas e as culturas. Afirma JUNG:

"... pouco importa que o herói da mitologia vença ora um dragão, ora um peixe, ou um outro monstro; o motivo fundamental é sempre o mesmo, isto é um patrimônio comum da humanidade e não formulações passageiras das diferentes épocas e regiões". (1984, p. 318).

Dessa forma, o mito estará sempre situado em um momento histórico e político. O herói de uma determinada época não viverá no mesmo contexto cultural de outra época, isto é, o mito sempre renasce de forma atualizada por se achar, rigorosamente, vinculado ao tempo.

Em geral nos sonhos e também em certos tipos de psicoses encontram-se muitas vezes material arquetípico que consiste de imagens e conexos correspondentes aos que existem nos mitos. Foi a partir desse contexto que JUNG chegou à conclusão de que deve existir uma camada do inconsciente que funciona exatamente do mesmo modo que a psique arcaica, geradora de mitos. Afirma o autor:

"Ainda que não sejam raros os sonhos nos quais existam correspondências mitológicas, contudo o aparecimento do inconsciente coletivo, como designei essa 'camada' mítica, faz parte dos acontecimentos extraordinários que somente se realizam em condições especiais" (JUNG, 1981, p. 124).

Como psicoterapeuta, em constante interação com adultos sob o ponto de vista da Psicologia Analítica, não po-

demos nos tornar indiferentes a uma das mais antigas modalidades de leitura da realidade do ser humano – os mitos – e que pensadores e especialistas modernos estão redescobrendo e abordando o tema sob diversos aspectos por parte de psicólogos, antropólogos, sociólogos, psiquiatras e outros. Tratando-se de um desafio do nosso tempo, interessa-nos abordar o problema de modo a compreender melhor a emergência do mito do herói no desenvolvimento da personalidade do homem contemporâneo e dessa forma tentar encontrar algum tipo de resposta que nos possibilite uma abordagem mais adequada do assunto.

A ligação entre mitos primitivos e os símbolos produzidos hoje pelo inconsciente é de grande importância prática para identificação e interpretação do contexto que lhes dá perspectiva histórica, significado filosófico e psicológico.

De acordo com JUNG (1981), o homem sempre suspira por um herói, por um exterminador de dragão, quando pressente o perigo psíquico; daí provém o clamor pela personalidade. Para HENDERSON (1977), a necessidade de símbolos heróicos, surge quando o ego necessita fortificar-se, isto é, quando o consciente requer ajuda para alguma tarefa que não pode executar só ou sem uma aproximação das fontes de energia do inconsciente.

A questão, pelo que se apresenta, é a repetição de motivos mitológicos que sempre ressurgirão fazendo do homem o principal participante da eternidade mítica e que por certo o libertará de sua transitoriedade, se assim os reconhecer.

No entanto, para JUNG (1962), a eficácia do efeito heróico tem breve duração. Os sofrimentos do herói renovam-se

incessantemente pois, se de um lado o atrai à conquista de níveis de consciência mais altos, por outro lado, também o fascina à volta ao inconsciente que tem as seduições do abraço materno. A luta pela vitória da consciência é o eterno combate de todo homem.

Nessa perspectiva concordamos com JUNG (1985), quando diz que o herói é aquele que conquista o dragão, não aquele que é vencido. Mas ambos defrontam-se com o mesmo dragão.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PERSONALIDADE SEGUNDO JUNG

O conceito de personalidade segundo Jung levanta questões básicas, para todos que se interessam pelo estudo da psique humana.

Tendo como ponto de partida os fundamentos teóricos da Psicologia Analítica, não nos deteremos a outras abordagens para definir personalidade, muito embora a literatura que trata do tema seja vasta.

Na concepção junguiana, a personalidade humana é qualificada em três dimensões: Estrutura, Dinâmica e Desenvolvimento. Em cada dimensão existem inúmeros componentes que mantêm interações intrincadas e intimamente ligadas.

Os conceitos estruturais tentam ordenar o que parece ser um conglomerado de estados mentais e de ações humanas. Distinguindo-se na psique três níveis: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

A dinâmica equivale a toda energia psíquica ou libido. Para JUNG (1984), a psique é um sistema de energia relativamente fechado, um sistema unitário em si mesmo, um sistema de energia mais ou menos autocomandado, distinto de qualquer outro sistema de energia. Isto é, embora a psique receba energia de fontes externas, inclusive pelo corpo, tal energia, uma vez adicionada, passa a pertencer exclusivamente à psique.

Os conceitos-chave na psicodinâmica são: energia psíquica ou libido, valor, equivalência, entropia, progressão

e regressão e canalização.

No desenvolvimento da personalidade entremeam-se dois processos: a individualização das diversas estruturas que compõem a totalidade da psique e a integração destas estruturas num todo unificado – o eu. Estes processos de crescimento são influenciados tanto positivamente como negativamente por um certo número de condições, nessas incluídas a hereditariedade, as experiências da criança com os pais, a educação, a religião, a sociedade e a idade. Conforme JUNG (1981), opera-se uma mudança radical no desenvolvimento durante a maturidade. Esta mudança constitui uma transição das adaptações ao mundo exterior para as adaptações ao próprio ser interior.

Como vemos, na psicologia junguiana, a personalidade como um todo é denominada psique. A psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamento, tanto os conscientes como os inconscientes. Funciona como um guia que regula e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico. Podemos perceber que este conceito sustenta a idéia de que uma pessoa, em primeiro lugar, é um todo. O homem não luta para se tornar um todo, ele já é um todo, ele nasce como um todo. O que lhe cabe fazer durante a existência, afirma JUNG (1981), é desenvolver esse todo essencial, até levá-lo ao mais alto grau possível de coerência, diferenciação e harmonia, e velar para que o todo não se fracione em sistemas separados, autônomos e conflitantes. Uma personalidade dissociada é uma personalidade deformada.

Concordamos com JUNG (1981), quando diz que atingir a personalidade não é tarefa fácil, mas o mais significativo desenvolvimento possível da totalidade de um indivíduo

determinado. Afirma o autor:

"Não é possível calcular o número de condições que devem ser satisfeitas para o desenvolvimento da personalidade. Requer-se para tanto a vida inteira de uma pessoa, em todos os seus aspectos biológicos, sociais e psíquicos. Personalidade é a realização máxima da índole inata e específica de um ser vivo em particular". (JUNG, 1981, p. 177).

Compreendemos, portanto, que a personalidade se desenvolve no decorrer da vida e que somente pela ação é que se torna patente quem somos de verdade. A determinação, interiorização e maturidade são qualidades características para que se diga uma personalidade. Uma personalidade individual é o resultado da interação de forças externas e internas.

Transcrevemos a seguir palavras de JUNG, porque expressam de forma dinâmica o conceito de personalidade:

"Personalidade é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria. O desenvolvimento da personalidade indica a escolha do seu próprio caminho. Somente será possível que alguém se decida por seu próprio caminho, se esse caminho for considerado o melhor". (JUNG, 1981, p. 177-179).

Como vemos, a personalidade é o desdobramento da totalidade indiferenciada original com a qual o homem nasce. Essa diferenciação e desenvolvimento é o resultado final do processo de individuação.

2 - ASPECTOS BÁSICOS DO MITO DO HERÓI

O herói é um motivo mitológico que corresponde ao self inconsciente do homem, de acordo com JUNG (1962), "um ser quase humano que simboliza as idéias, formas e forças que moldam ou dominam a alma". A imagem do herói incorpora as mais poderosas aspirações e revela a maneira pela qual são idealmente compreendidas e realizadas.

O mito do herói é o mito mais nobre e conhecido no mundo. É encontrado desde tempos imemoriais na mitologia clássica greco-romano, na Bíblia, na Idade Média, no Oriente, nos povos primitivos e nas sociedades contemporâneas. Em muitas versões deste mito, principalmente nas mais antigas, o homem que encarna o herói apresenta-se dotado de audácia e valentia extraordinárias, mas em outras versões o herói é uma pessoa comum que não aspira realizar façanhas invulgares. Porém, a estrutura básica é semelhante nas suas variações e tem um significado psicológico individual e coletivo como padrão de busca, descoberta e afirmação de identidade, que atende às necessidades do indivíduo e do grupo. A função essencial do mito do herói consiste no desenvolvimento da consciência do ego, a conscientização das próprias forças e fraquezas.

Como observamos, o herói numa visão intrapsíquica representa a vontade e capacidade de procurar e suportar repetidas transformações em busca da totalidade ou significado. Portanto, às vezes parece ser o ego; outras vezes o self. É o eixo ego-self personificado. O herói é considerado por JUNG, como um ser transitório uma personalidade mana, cuja figura

terrena é o sacerdote (JUNG, 1978).

A totalidade de um herói implica tanto na capacidade de resistir, como em sustentar conscientemente a grande tensão dos opostos. Conforme JUNG (1984), isso se consegue sob o risco de regressão e intencionalmente expondo-se ao perigo de ser "devorado pelo monstro materno" – a psique coletiva – não uma só vez, mas muitas vezes, um processo da vida inteira que se inicia na tenra infância.

O valor da imagem do herói está em seu funcionamento intrapsíquico, ou seja, é fácil ver o efeito da identificação com a imagem do herói, pois quando este arquétipo se constela, encontra uma expressão coletiva e atrai a projeção. Isto é, os conteúdos do mundo interno se tornam disponíveis à consciência do ego.

Discutindo o motivo do herói, JUNG enfatiza sempre os perigos. Tomemos por exemplo o mito do dragão baleia, para melhor compreensão do tema colocado:

"Em suas numerosíssimas versões este mito segue um curso constante. Na primeira etapa o herói, respondendo ao apelo da aventura, desvincula-se dos laços da família e das rotinas fáceis da vida cotidiana. Enfrenta perigos terríveis. Acaba sendo devorado por uma baleia monstruosa, o que significa mergulhar no inconsciente, no mundo ardente dos desejos, das emoções, dos instintos, onde coexistem toda sorte de escórias junto a valores preciosos. Aí dentro ele faz 'a travessia marítima noturna'. A saída do herói através da goela da baleia simboliza sua libertação das trevas da inconsciência. Ele conseguiu escapar do redemoinho dos desejos e das emoções. Poderá tomar alguma distância dos tumultuosos acontecimentos que antes o arrastavam como a um autômato.

Pensa, raciocina, renasce num nível superior de consciência. O mito encarna o ideal de todo ser humano: a conquista da própria individualidade". (SILVEIRA, 1981, p. 129).

Isso significa um regresso triunfante, que apresenta como resultado um ser individuado, porém, passível de outras "viagens marítimas" e que dependendo de suas circunstâncias poderá regressar ou perder-se nas trevas – a neurose e/ou a loucura.

Com essas considerações pretendemos entender o sentido do mito do herói, sobretudo, através dos sonhos. Estes, com efeito, utilizam inúmeros mitologemas que caracterizam a vida do herói. Trata-se de aventuras perigosas, de provas. Há dragões, animais benfazejos e demônios. Encontra-se o velho sábio, o homem-animal, o tesouro oculto, a árvore mágica, a fonte, a caverna, o jardim protegido, os processos de transformação e as substâncias da alquimia etc. A razão para estas fantasias é realizar uma parte da personalidade que ainda não existe e está somente em vias de desenvolvimento (apud JUNG, 1984).

3 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A literatura, se incluindo as muitas facetas que o tema envolve, é vasta. Porém no que diz respeito à representação simbólica do mito do herói no desenvolvimento da personalidade do homem contemporâneo, constatamos uma visível lacuna.

A seguir, uma revisão de alguns estudos, que consideramos mais relevantes e significativos para a nossa pesquisa, e que buscaram os aspectos psicológicos subjacentes ao mito do herói.

Conforme MATTA (1984), o povo brasileiro, oriundo de várias correntes étnicas, portador de um vasto sincretismo cultural e religioso, constitui um campo fecundo para o ritualístico, o mágico e o imaginário. Os poetas, cantadores e repentistas do Nordeste, como também os artistas e escultores — artesões da cerâmica e da madeira — representam uma amostra viva do patrimônio nacional.

Curioso é que este fenômeno da vida cultural do povo brasileiro não tenha sido considerado com a devida atenção, a ponto de se dizer claramente que o Brasil é um país sem memória, que permite a invasão de costumes, modos e modas, quase todos importados, os quais vão dominando através da propaganda insidiosa, bombardeando a nossa índole, considerada "primitiva". A música brasileira, as danças, os rituais religiosos, os hábitos de família, são vistos pela maioria das "elites cultas" como pitorescos, exóticos, engraçados e tachados como folclóricos, para citar alguns exemplos.

Citando SILVEIRA (1981), os temas míticos não são encontrados somente nas mitologias dos povos antigos ou entre grupos humanos primitivos. Mesmo que não sejam mitos de contexto coordenado e elaborado, são componentes típicos de mitos que continuam emergindo do inconsciente, cada noite, nos sonhos de homens, mulheres e crianças contemporâneos. Surgem reativados pela condição psíquica atual do sonhador ou mesmo de suas perspectivas futuras e despertam ressonâncias de experiências semelhantes já vividas pela espécie humana, na medida que outras produções do inconsciente, tais como visões, alucinações, delírios estão sempre permeados de componentes

míticos. Sendo assim, foram constatações repetidas dessas ocorrências, sem que conhecimentos anteriores as pudessem explicar que, levaram JUNG a admitir que devem estar presentes no inconsciente coletivo os moldes básicos para a formação dos mitos, isto é, os arquétipos.

Na concepção junguiana, fatos de observação corrente demonstram não ser raro que o mito do herói apresente-se sob vários aspectos e que típicos perigos míticos (encontro com monstros, viagens marítimas, tempestades etc.) são vividos em sonhos. A epifania interior do herói tem consequências na vida real. É acompanhada de fenômenos de inflação: o indivíduo passa a julgar-se dotado de altas qualidades, sente-se superior aos demais; ou então, pela impossibilidade de satisfazer pretensões excessivas, o indivíduo demonstra a própria inferioridade que, por sua vez, assume o papel de sofredor heróico.

Através do trabalho analítico, JUNG (1962) fundamenta que os processos inconscientes poderão chegar a ser confrontados e o ego despojar-se-á da identificação com a imagem arquetípica do herói, abrindo-se a possibilidade para a síntese de elementos de conhecimento e de ação do consciente e do inconsciente. Isso, por sua vez, conduz ao deslocamento do centro da personalidade do ego para o self.

Como assinala JUNG et alii(1977), a mente humana tem sua história própria e a psique retém muitos traços dos estágios anteriores da sua evolução. Mais ainda, os conteúdos do inconsciente exercem sobre a psique uma influência formativa, isto é, pode-se, conscientemente, ignorar a sua existência, mas

inconscientemente reage-se a eles, assim como às forças simbólicas – incluindo os sonhos – através das quais se expressam.

Estudando a natureza do desenvolvimento psicológico do ser humano, JUNG (1962) observa que padrões arquetípicos do herói esperam o momento de se realizarem na personalidade, são capazes de uma variação infinita, são dependentes da expressão individual e exercem uma fascinação reforçada pela expectativa tradicional ou cultural e assim, portam uma forte carga de energia, potencialmente arrasadora a que é difícil de se resistir. Posteriormente (1972) acentua que o motivo do herói é invariavelmente acompanhado pelo motivo do dragão. Essas duas figuras, que se defrontam em luta, fazem parte de um mesmo mito. Afirma o autor:

... "mas em alguns mitos vê-se o fato interessante de o herói não está ligado ao dragão apenas pela luta. Às vezes, pelo contrário, existem indícios de que o próprio herói é o dragão. Na mitologia escandinava o herói é reconhecido pelo fato de ter olhos de cobra" (JUNG, 1972 p. 123).

Na mitologia, estranhamente, o dragão é a mãe. Encontra-se esse motivo pelo mundo todo, e o monstro é denominado o dragão mãe – psique coletiva – esse monstro absorve a criança novamente, suga-a para dentro depois de tê-la feito nascer. A mãe "terrível", como também é chamada, vive a espera, de boca escancarada, nos mares do Ocidente, e quando um homem se aproxima, ela se fecha sobre ele. Essa figura monstruosa é a mãe-sarcófago, a devoradora de carne humana; sob outra

forma, ela é a Matuta, a mãe dos mortos, a deusa da morte (JUNG, 1962).

Como observamos, em muitas versões deste mito, principalmente nas mais antigas, o homem que encarna o herói apresenta-se dotado de audácia e valentia extraordinárias. Esta experiência psicológica estimulará e renovará o herói que por fim conseguirá vencer o monstro. Em contrapartida, noutras versões o herói é uma pessoa comum, não aspira realizar façanhas invulgares. Outros lançam-se à aventura e sucumbem, resultando da derrota a desintegração da personalidade em suas componentes-funções do consciente, os complexos, fatores herdados etc. Esta desintegração poderá ser transitória ou mesmo uma verdadeira esquizofrenia, isto é, são destroçados, ou perdem-se nos labirintos escuros das entranhas do monstro.

Em virtude disso, o regresso é sempre difícil. A volta do herói, ou daquele que foi levado por circunstâncias diversas a viver o papel do herói, nem sempre é um triunfo. Pesquisas demonstram que símbolos solares, freqüentemente, dão ênfase ao regresso indicando por sua presença que a saída do herói do ventre do monstro equivale ao nascer do sol, isto é, equivale a nascer de novo. Na psicologia junguiana, o sol simboliza o ego e seu campo de consciência. A personificação do ego sob a forma do corpo refulgente do sol decorre de ser o ego o ponto de referência central da consciência e de sua função criadora do mundo como objeto. Assim, o sol, direta ou indiretamente, está presente em múltiplas versões do mito do herói, quando este, depois de vencer os monstros das trevas e saindo de uma condição de semi-inconsciência, consegue trazer a realidade para a luz da consciência, recriando o mundo.

No mesmo sentido pesa a opinião de ELIADE (1968), que afirma a existência de paralelismo entre as hierofanias solares e o desenvolvimento do racionalismo, isto é, uma concordância entre a supremacia das hierofanias solares e o desenvolvimento histórico.

Mas acontece igualmente que o sol, pela magnitude de seus atributos específicos, impõe-se como símbolo do self, ou seja, do centro ordenador da psique, bem como da totalidade psíquica.

Como enfatiza JUNG (1984), o curso diário do sol e o alternar-se regular dos dias e das noites reflete-se na psique do homem, sob a forma de imagem gravada desde tempos imemoriais.

Sob esse enfoque, o tema mítico da viagem e do encontro com o monstro marinho é como todos os temas míticos a expressão de dramas interiores. Naturalmente, pouco importa que o herói vença ora um dragão, ora um peixe, ou um outro monstro; o motivo fundamental é sempre o mesmo, e isto é um patrimônio comum da humanidade e não formulações passageiras das diferentes épocas e regiões.

Portanto, o drama do encontro com o monstro exprime a situação perigosa para o indivíduo de ser tragado pelo inconsciente, representada na imagem do risco de devoramento pelo enorme animal habitante das profundezas do mar. Para SILVEIRA (1981), sob o impacto de afetos intensos, o inconsciente se reativa em proporções extraordinárias, ameaçando submergir o ego consciente e não é raro que se configurem monstros nas matrizes arquetípicas de onde têm emergido figuras seme-

lhantes no curso de milênios. Segundo JUNG (1977, 1951), a figura do herói é um arquétipo que existe há tempos imemoriais. É o mito em que o homem sempre viveu.

JUNG (1984; 1978) acentua ainda que o herói é o expoente simbólico do movimento da libido. Na batalha decisiva o herói sempre é engolido pelo monstro. Isto foi mostrado por FROBENIUS, que reuniu considerável material a respeito. A entrada no monstro é a direção regressiva e a "jornada noturna pelo mar" como é formulado por FROBENIUS, simboliza o esforço para se adaptar às condições do mundo psíquico interior. É característico que o monstro começa a "jornada noturna pelo mar" rumo ao Oriente, isto é, em direção ao nascer do sol, enquanto o herói está encerrado em sua barriga. Esse fato parece indicar que a regressão não é necessariamente um passo retrógrado no sentido de uma involução ou degeneração, mas representa, antes de mais nada, uma fase necessária ao desenvolvimento. O indivíduo, no entanto, não tem consciência de que está se desenvolvendo; sente-se numa situação compulsiva que se assemelha a um estado infantil, ou a uma situação embrionária dentro do ventre.

Convém acentuar, citando HILLMAN (1984), que a consciência heróica do ego segue um caminho ascendente. Pode fazer digressões, encontrar obstáculos, até mesmo descer aos infernos, mas seu curso de progresso ascendente atribui um sinal negativo às digressões e às descidas. Na visão heróica, a descida ao fundo do mar é a "jornada noturna pelo mar" através do monstro materno, da qual emerge com uma visão interior, uma integração ou uma virtude.

Na elucidação do significado psicológico desse processo, evidencia-se a presença da figura arquetípica do velho sábio exercendo o papel de ajudante. Conforme JUNG (1984), esta figura aparece sempre que o herói está em situação desesperadora e sem esperança, da qual somente uma reflexão profunda ou uma idéia oportuna poderá libertá-lo. Esta aparição é um processo dotado de intenções com o objetivo de manter unidos todos os elementos da personalidade total no momento crítico em que as forças espirituais e físicas são desafiadoras, e com essa força de união abre-se de uma vez a porta para o futuro. Na verdade, o velho sábio constitui-se na própria reflexão dotada de propósito e na concentração de forças morais e físicas que surgem espontaneamente no espaço psíquico fora da consciência, quando a reflexão consciente não é ainda ou não é mais possível.

Outra abordagem dada por JUNG et alii (1977) ao mito universal do herói refere-se sempre a um homem ou um homem-deus poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios etc., e que sempre livra seu povo da destruição e da morte. Observa-se que a narração ou recitação ritual de cerimônias e de textos sagrados e o culto da figura do herói, compreendendo danças, músicas, hinos, orações e sacrifícios prendem a audiência num clima de emoções inexprimíveis (como se fora um encantamento mágico), exaltando o indivíduo até sua identificação com o herói.

Na mesma posição teórica, destacamos as colocações de HENDERSON (1977), que afirma ser o mito do herói o mais comum e o mais conhecido em todo o mundo. Encontra-se na mitologia clássica da Grécia e de Roma, na Idade Média, no Extre-

mo Oriente, entre as tribos primitivas contemporâneas e aparece também nos sonhos. Tem um poder de sedução dramática e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda. Este mito varia muito nos seus detalhes, mas quanto mais se o examina, mais se percebe o quanto se assemelha na estrutura, isto é, guarda uma forma universal mesmo quando desenvolvido por grupos ou indivíduos, sem qualquer contato cultural entre si. Sua história é repetidamente a mesma: de nascimento humilde mas milagroso, que prova sua força sobre-humana precoce; sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade; sua luta triunfante contra as forças do mal; sua falibilidade ante a tentação do orgulho e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício heróico, onde sempre morre.

JUNG (1981) infere que a voz interior é a voz de uma vida mais plena e de uma consciência mais ampla e abrangente. Por isso, dentro da mitologia, o nascimento de um herói ou seu renascimento simbólico costumam coincidir com o nascer do sol; é que o formar-se da personalidade equivale a um aumento da consciência. Pelo mesmo motivo, a maioria dos heróis é designada por atributos do sol, e o instante em que surge sua grande personalidade é chamado de iluminação.

HENDERSON (1977) interpreta que o significado psicológico deste esquema tanto para o indivíduo, no seu esforço em encontrar e afirmar sua personalidade, quanto para a sociedade no seu todo, conduz à necessidade de estabelecer uma identidade coletiva. Outra característica relevante é a que em muitas das estórias a fraqueza inicial do herói é contrabalançada pelo aparecimento de poderosas figuras tutelares que permitem a realização das tarefas sobre-humanas as quais impossível

de executar sozinho.

Para JUNG (1978), quando o heroísmo se torna ostensivo, acaba em crispação; e esta leva à catástrofe, ou à neurose, ou a ambas.

As abordagens que se baseiam nos princípios da Psicologia Analítica atribuem à representação simbólica do mito heróico ao desenvolvimento, no indivíduo, da consciência do ego; do conhecimento de suas próprias forças e fraquezas, deixando-o preparado para as difíceis tarefas que a vida impõe. Porém, quando o indivíduo entra na fase adulta, o mito do herói perde a relevância. A morte simbólica do herói assinala, por assim dizer, a conquista da maturidade.

Os estudos de HILLMAN (1979) sugerem que a consciência heróica precisa de algo para mostrar; o ego tem necessidade de prova concreta, pois tal é a sua definição da realidade. A batalha tem sido sempre pela presa e não somente pelo prazer de lutar e pelo orgulho da vitória.

Enfim, os fundamentos teóricos que embasam a emergência do mito do herói, enfatizam que em cada etapa da evolução do herói (nascimento à morte), a história do herói toma formas particulares, que se aplicam a determinado ponto alcançado pelo indivíduo no desenvolvimento da consciência do ego e também aos problemas específicos com que se defronta em um dado momento. Isto é, a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada etapa de evolução da personalidade humana.

Afinal de contas, conclui JUNG (1981; 1979) o herói é certamente aquele que descobre um caminho novo para chegar ao que é mais alto e mais seguro. Em outras palavras, a

individação é uma tarefa difícilima, significa uma tarefa he
róica ou trágica.

Todavia, citando FRANZ (1977), somente com o processo de individuação surge, gradualmente, uma personalidade ampla e amadurecida que, aos poucos, torna-se mais efetiva e perceptível mesmo a outras pessoas.

De acordo com as pesquisas realizadas por HENDERSON (1977), o mito é a primeira etapa na diferenciação da psique. Demonstrou que o herói percorre um ciclo quádrulo, através do qual o ego procura alcançar uma autonomia relativa da sua con
dição original de totalidade. Sem que tenha um certo grau de independência, o indivíduo será incapaz de relacionar-se com o seu ambiente adulto, porém, o mito do herói não é garantia suficiente para esta libertação. Mostra apenas como é possível que isto aconteça para que o ego conquiste consciência. A ques
tão é como manter e desenvolver, de modo significativo, essa consciência, para que o homem possa viver uma vida útil, guar
dando a sua individualidade dentro da sociedade.

Outra abordagem é dada por RADIN (1948), que funda
menta a evolução do herói em quatro estágios, a saber: No estágio inicial, rudimentar o personagem é instintivo, desinibi
do e, por vezes, infantil. No segundo estágio o herói é o fun
dador da cultura humana. O herói do terceiro estágio é um poderoso homem-deus. No quarto estágio o herói muitas vezes abu
sa do seu poder. Do mesmo modo, a psique do indivíduo se de
senvolve (tal como o mito do herói) a partir de um estágio primitivo infantil, pois muitas vezes imagens destas etapas primitivas podem aparecer nos sonhos de adultos psicológica-

mente imaturos. O segundo estágio poderá ser representado pela temerária busca de emoções, da adolescência. Um estágio posterior poderá suscitar, no final da adolescência, sentimentos de idealismo e de sacrifício. No quarto estágio o ego deverá, por fim, libertar-se da inconsciência e da imaturidade e a sua batalha pela libertação estará muitas vezes simbolizada na luta do herói contra um monstro. Contudo, o herói nem sempre ganha de saída.

Vale ressaltar que para a realização desta pesquisa contou-se com dificuldades na concretização da configuração dos aspectos psicológicos do herói no desenvolvimento da personalidade do homem contemporâneo, pois tais aspectos não são verdades objetivas mas, sim, verdades subjetivas narradas na linguagem dos símbolos que muitas vezes resvalam para o emaranhado das dúvidas, do complicado e/ou do obscuro. Os mitos, evidentemente, não passarão através do crivo das exigências empíricas. Contudo, isso não nos impede de atingir outras áreas para além do consciente.

Compreendemos que, inapreensivelmente o homem presentirá que se espelham acontecimentos em desdobramento no seu mais profundo íntimo e essas ressonâncias fazem o eterno retorno e fascínio dos mitos.

Em face a estas colocações buscamos apoio na seguinte opinião: uma psicologia científica não deve se basear apenas no ponto de vista estritamente causal originalmente tomado da ciência natural, pois também tem que considerar o aspecto de intencionalidade da psique (apud JUNG, 1976).

Apesar das muitas pesquisas feitas para investigar o motivo mitológico do herói, podemos observar pela revisão bibliográfica, que parece não existir ainda respostas que nos permitam uma tomada de posição definitiva e satisfatória.

Numa visão analítica junguiana, o que norteia esta pesquisa, é a emergência arquetípica do mito do herói, no desenvolvimento da personalidade do homem contemporâneo.

Para que se possa configurar esta emergência, faz-se necessário estudar as conexões existentes entre os mitos antigos e a própria atitude do homem de hoje. Observando-se que as forças simbólicas, através das quais os mitos se expressam, não perderam importância para a humanidade. Ao contrário, servem como mediadores entre os processos conscientes e inconscientes.

No caso do mito do herói, acredita-se que este motivo estará presente em todo o desenvolvimento psicológico do ser humano, sob seus diversos prismas, uma vez que a representação simbólica é conteúdo do inconsciente coletivo (universal) assim postulado por JUNG. Diante de tal perspectiva, nos surgem as questões: a que se deve tamanha abrangência? Aos mitos básicos da humanidade, por exemplo, mito da origem, mito da catástrofe, mito de passagem? A resposta seria a nosso ver os motivos, as formas atenuantes que o homem criou para mino-
rar sua angústia frente ao caos. Ou seja, o homem até hoje não conhece a sua origem (mito da origem). Toda raça, ao que parece, já nasce trazendo o germe sutil da destruição (mito da ca

táastrofe) e o homem também não sabe explicar. A existência de congregações ecumênicas e as tentativas de descobrir verdades, por exemplo, são escapatórias que o ser humano busca para si mesmo na esperança de fugir da sua impotência frente aos fenômenos da natureza e à fatalidade da morte (mito de passagem).

Dessa forma, constatamos o valor permanente de um velho símbolo que, longe de está morto, renasce sob uma forma nova e atual.

A questão emergente, portanto, é a posição "polar" da significação simbólica do mito do herói. Ou seja, a representação arquetípica que ascende para fortalecer o desenvolvimento da personalidade do indivíduo é a mesma que, em certos casos, se rebaixa ao fracasso e não mais brilha, retrocedendo portanto, a energia libidinal, o que impede a ultrapassagem do obscuro para o esplendor, isto é, o ciclo natural do desenvolvimento. Na visão de JUNG (1962), "a figura do herói é o mais ilustre de todos os símbolos da libido. Com ele o simbolismo abandona o domínio das coisas e do impessoal adotando a forma humana" (JUNG, 1962, p. 184).

Para CAMPBELL (1959), o efeito da aventura do herói quando triunfa é desencadear e liberar de novo o fluir da vida no campo do mundo.

Foram estas questões que desencadearam nosso interesse em trabalhar com um grupo formado por pessoas normais e na fase adulta, na tentativa de verificar de que maneira se dá o aparecimento (nascimento, paixão, declínio, sobrevivência e/ou morte) do mito do herói e como é vivido por cada pessoa no decorrer do processo de individuação. Conforme JUNG

(1962 e 1978), só a individuação produz diferenças, em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é.

Vale ressaltar que os indivíduos, por mais que se afastem uns dos outros pela diferença de seus conteúdos conscientes, tornam-se tanto mais semelhantes quando os observamos sob o ponto de vista do inconsciente. Acreditamos que seja importante para todo psicoterapeuta quando descobre o quanto são semelhantes as imagens inconscientes, apesar de toda multiplicidade. A diversificação só ocorre com a individuação. Este fato dá validade às investigações que postulam a existência do inconsciente coletivo.

Portanto, o grupo estudado foi extraído de uma população de pessoas normais, no que diz respeito aos aspectos de natureza psicológica do ser humano.

Nesta perspectiva, o nosso trabalho buscou configurar o desenvolvimento da personalidade através da identificação psicológica do homem contemporâneo, vinculando às etapas da evolução do herói, consideradas ao mesmo tempo por JUNG (1984), como símbolo das etapas do processo de individuação. A primeira fase é a volta ao seio materno. A segunda é o sacrifício. A terceira enfim é a ressurreição. AUGRAS (1980) sintetiza:

"o Eu mergulha no inconsciente, com o perigo de regressão definitiva, da desintegração, da loucura, mas superando a prova, consegue integrar as energias ocultas, realizando-se, então, como indivíduo". (AUGRAS, 1980, p. 66).

CAPÍTULO III
PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA
E METODOLOGIA

1 - ENUNCIADO DO PROBLEMA ESPECÍFICO

O problema em pauta foi examinar a emergência do mito do herói no desenvolvimento da personalidade do homem contemporâneo, através das etapas da evolução do herói.

Para realizar esta pesquisa, aplicamos o Teste de Apercepção Temática de Murray (T.A.T.), em pessoas na fase adulta, previamente selecionadas, e coletamos relatos de sonhos destas mesmas pessoas. Para a interpretação e análise dos protocolos e dos sonhos utilizamos a linguagem dos símbolos. Interligando-se o simbolismo à condição psíquica atual da pessoa em estudo.

Desta maneira, a pesquisa buscou a compreensão do significado psicológico da polaridade do mito do herói no desenvolvimento da personalidade do homem contemporâneo.

2 - DEFINIÇÃO DOS TERMOS USADOS

Os termos apontados são definitivos no sentido dado por JUNG, o qual difere, por vezes ligeiramente do ponto de vista de outras psicologias. Vale ressaltar, que todas as definições foram extraídas diretamente da sua obra e do Dicionário Crítico de Análise Junguiana.

— Líbido é a energia psíquica geral. É energia natural. Atende antes de mais nada às finalidades da vida. A libido é compreendida, portanto, como a intensidade do processo psíquico, o valor energético que se manifesta em qualquer área, tais como: da fome, do poder, do ódio, da sexualidade, da religião etc., sem que se restrinja a um impulso específico.

- Consciência é a relação de conteúdos psíquicos com o ego, desde que essa relação seja percebida pelo ego. Relações com o ego não percebidas como tais são inconscientes.

A consciência é a função da atividade que mantém a relação de conteúdos psíquicos com o ego. Não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas.

- Ego é o núcleo da consciência, é o centro de todas as adaptações do indivíduo ao meio. O ego se estrutura a partir do inconsciente, diferenciando-se e sempre se modificando no decorrer da vida, jamais é um produto acabado.

- Inconsciente Pessoal é constituído pelas percepções e sentimentos subliminares, traços de acontecimentos passados perdidos pela memória consciente e todo material que não atinge a consciência, por não possuir suficiente energia ou não estar devidamente diferenciado. A maior parte dos conteúdos do inconsciente pessoal são os conteúdos rejeitados pela consciência, ao longo da vida pessoal de cada um.

Estes conteúdos inconscientes formam os complexos.

- Complexos são aglomerações de idéias dotadas de tonalidade afetiva às vezes de caráter traumático, outras, de caráter doloroso e altamente acentuadas. São temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose.

Têm sua origem nos conflitos vividos, principalmente, na infância, mas também de conflitos ou traumas posteriores.

- Inconsciente coletivo é um substrato inconscien-

te mais profundo que o inconsciente pessoal comum a todos os seres humanos. É o material desconhecido de onde emerge a consciência. É constituído de conteúdos que são universais e aparecem regularmente – os arquétipos.

A concepção junguiana de inconsciente coletivo é a transposição para o plano psíquico, da identidade anatômica e fisiológica existente entre os homens, independente das diferenças sociais, culturais e individuais.

– Arquétipo é uma tendência a formar representações de um motivo que podem ser inúmeras variações de detalhes, sem perder a sua configuração original. Os arquétipos constituem o inconsciente coletivo. São possibilidades herdadas para representar imagens similares.

O conceito de arquétipo deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte.

– Individuação é um processo diferenciado cujo objetivo é o desenvolvimento e totalização da personalidade individual. É através do processo de individuação que um ser torna-se um "indivíduo".

JUNG entende o processo de individuação como uma ampliação da esfera da consciência e da vida psicológica consciente. Pressupõe a realização completa das qualidades coletivas do ser humano. Embora o processo de individuação seja algo único para cada indivíduo, existem arquétipos que se manifestam regularmente.

A meta do processo de individuação é o self.

- Self é o arquétipo central, da orientação, do sentido, da totalidade do homem. Também denominado si-mesmo.

É uma realidade sobre-ordenada ao eu consciente. Abrange a psique consciente e inconsciente, constituindo por esse fato uma personalidade mais ampla.

- Símbolo é uma invenção inconsciente em resposta a uma problemática consciente. Os símbolos são expressões pictóricas cativantes, são retratos indistintos, metafóricos e enigmáticos da realidade psíquica.

É uma linguagem universal, infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem das problemáticas específicas dos indivíduos.

- Mito é um meio de expressar uma visão metafórica dos mundos pessoal e físico e, portanto, não pode ser avaliado mediante o pensamento dirigido, isto é, o pensamento que envolve o uso consciente da linguagem e de conceitos.

"Os mitos são revelações originais da psique pré-consciente, afirmações involuntárias sobre acontecimentos psíquicos" (JUNG, 1984).

- Personalidades Mana, mana é pertinente ao extraordinário e irresistível poder sobrenatural que emana de certos indivíduos, objetos, ações e eventos, como também de habitantes do mundo do espírito (aspecto não material do homem vivo).

As personalidades mana aparecem sempre que o ego consciente se confronta com o self.

- Totalidade é tanto um potencial como uma capaci-

dade. O indivíduo nasce possuidor de uma totalidade fundamental, porém, à medida que cresce, esta entra em colapso e se organiza e se diferencia.

A idéia da totalidade está ligada à teoria dos opostos. Se dois opostos em conflito se juntam e se sintetizam, o resultado passa a compor uma totalidade maior.

– Opostos "são as inerradicáveis e indispensáveis condições de toda vida psíquica" (JUNG, 1985).

– Regressão é considerada como um período de regeneração ou entrincheiramento, antes de um avanço subsequente (processo analítico).

– Diferenciação significa distinguir partes de um todo, desemaranhar, separar o que antes estava unido inconscientemente. É então possível falar de partes da personalidade como mais diferenciadas que outras, significando mais solidamente discriminadas e engastadas na consciência.

A diferenciação é tanto um processo natural de crescimento como um empenho psicológico consciente.

– Identificação uma projeção inconsciente da personalidade do indivíduo sobre a de um outro, seja pessoa, causa, lugar ou outra figura, capaz de fornecer uma razão de ser ou um modo de ser.

– Vontade é a energia disponível para a consciência, realçando o papel desempenhado pela motivação na liberação de tal energia.

– Análise é um relacionamento dialético de longo prazo entre duas pessoas, analista e paciente. É dirigida pa-

ra uma investigação do inconsciente do paciente, seus conteúdos e processos, a fim de aliviar uma condição psíquica não mais tolerável por causa das interferências que tem na vida consciente.

– Sonho é uma auto-representação espontânea, sob forma simbólica, da situação do inconsciente.

O sonho é aquilo que ele é, inteiramente e unicamente aquilo que é; não é uma fachada, não é algo pré-arranjado, um disfarce qualquer, mas uma construção completamente realizada.

– Inflação é uma regressão da consciência para a inconsciência. Isso sempre acontece quando a consciência admite em si conteúdo conscientes em quantidade demasiada e perde a faculdade da discriminação.

3 - METODOLOGIA

O primeiro critério necessário à organização da especulação proposta foi obter pessoas na fase adulta – idade mínima de 20 anos – e sem história prévia de tratamento psiquiátrico. Aos critérios como: sexo, classe social e grau de instrução não fizemos restrições.

Para conseguir o grupo desta pesquisa foram mantidos contatos com cada pessoa que num grau maior ou menor faz parte do âmbito do meu conhecimento.

O nosso grupo constituiu-se de vinte e sete pessoas, quinze do sexo feminino e doze do sexo masculino, com

idades variando entre vinte e quarenta e três anos. Todas domiciliadas e residentes na cidade do Recife, Estado de Pernambuco. Este grupo não se caracteriza, portanto, como acidental. Depois de mantido o contato diretamente com cada pessoa o que prevaleceu foi a sua disponibilidade em participar da pesquisa em tela.

Nesta busca dos aspectos psicológicos da emergência do mito do herói, seguimos o modelo analítico junguiano — por reconhecermos como um método simbólico ocupado tanto da consciência quanto do inconsciente. Por esta razão, sua utilização na pesquisa é baseada no princípio de que se por um lado, no caso do T.A.T., manifestações simbólicas apresentadas pela consciência mantêm relação com o inconsciente (mesmo que contaminadas por possíveis resistências) e correspondem a própria personalidade da pessoa; por outro lado, no caso dos sonhos, são ativados conteúdos arquetípicos e coletivos despidos de qualquer resistência, imagens que fluem com toda pureza, ou seja, é o emergir total do inconsciente com as interveniências dos conteúdos que apontam a real situação do inconsciente.

Sendo assim, para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, utilizamos dois instrumentos.

O primeiro — Teste de Apercepção Temática de Murray — foi aplicado visando evocar criações e/ou fantasias que traduzam manifestações arquetípicas do herói, uma vez que acreditamos na hipótese de um inconsciente coletivo subjacente à consciência e que não é acessível à observação direta a menos que se investigue, de modo

indireto, através de instrumentos que ofereçam conteúdos compreensíveis e conscientes.

O segundo instrumento – Coleta de Sonhos – pretendia obter conteúdos psíquicos involuntários e espontâneos que remetam a símbolos e imagens inconscientes, pois ao contrário da consciência que tem uma visão limitada da realidade, o sonho manifesta uma tendência para a ampliação do ego a partir da relação contínua entre ego e self. Relação essa denominada eixo ego-self, estabelecendo, portanto, o contexto de suas conexões com o sonhador e a sua vida vigil.

Tomamos ainda por base, que os sonhos quando vistos numa sequência, muitas vezes revelam o caminho do processo de individualização (etapas do mito do herói) e desvendam uma simbologia pessoal.

Esta forma de trabalhar explica por que não faz sentido interpretar as lâminas do T.A.T. na sua forma "clássica", por assim dizer, pois todo o material foi estudado à luz da linguagem dos símbolos estruturais da personalidade.

Nesta perspectiva os dois instrumentos utilizados foram satisfatórios ao intento do tema proposto, união perfeita entre o real e o imaginário.

CAPÍTULO IV

O MITO DO HERÓI E SUA TRAJETÓRIA

Ratificando as postulações de JUNG no que diz respeito ao mito do herói, o material aqui exposto mostra de modo transparente as etapas da trajetória e evolução do herói rastreado, é claro, por uma teorização metodológica dialética na qual partiremos do singular para o coletivo, retornando sempre a este na medida que caracterizamos a emergência do mito do herói em nossa cultura e particularmente na cidade do Recife.

Consideramos os arquétipos como elementos estruturais da psique humana e o símbolo como sua expressão ao nível psíquico. Assim sendo, todo símbolo tem sua base numa estrutura arquetípica universal e genética e nas vivências históricas do ser individual e social.

Descrevemos a trajetória do herói até a individualização a partir do momento no qual o ego, mesmo ainda em formação, confronta sucessivamente o arquétipo sombra e os arquétipos do inconsciente coletivo, sobretudo a anima e animus e por fim o self. Processo este de emergência, que se estende por todo o período que vai do nascimento até a morte.

Este percurso nos faz acreditar que uma das funções dos arquétipos da anima e animus é, junto com a representação arquetípica do herói, diferenciar o ego de seus padrões arquetípicos emando do self e a partir de cada nova estruturação, o ego vai se formando e crescendo sob a base desse processo que provém do self que é o centro ordenador e unificador da psique total que se relaciona com o ego, que é o centro da consciência.

Admitimos desta forma a configuração do herói, nos sonhos e histórias do homem contemporâneo não nos moldes da concepção do século passado, mas através dos símbolos que mesmo herdados, se apresentam carregados de significados da realidade de hoje.

A tarefa do herói, neste trabalho, é compreendida como uma eterna busca da clareza dos anseios que atormentam a alma humana.

Após este preâmbulo passamos a descrever as etapas do mito do herói: nascimento; lutas, conflitos e triunfo/derrota, ilustradas por sonhos e narrativas de história do T.A.T.

1 - NASCIMENTO

Na psique humana, a princípio, todos os conteúdos estão contidos no inconsciente. As estruturas existem em potencial, mas sem nenhuma diferenciação, ou seja, quando nascemos tudo encontra-se completamente identificado ao si-mesmo, até quando entra em marcha o processo de desenvolvimento das etapas da personalidade, que constitui um ciclo alternado e, conforme vai se repetindo, dá origem a uma progressiva diferenciação entre o ego e o si-mesmo.

Esta alternância é dialética em todas as etapas.

Isso constitui a energia das manifestações arquetípicas clamando por uma, cada vez maior, ampliação da consciência que se encontra num estado de inflação (persona) e

que portanto, promove o encontro dialético do ego com a sombra.

Tendo a trajetória se iniciado, o herói segue em sua aventura até chegar ao inconsciente coletivo, marcando os limites das expectativas de vida presente do indivíduo.

Apresentamos a seguir exemplos que remetem a esta etapa inicial e começo da trajetória do herói.

O primeiro exemplo trata-se do sonho de uma mulher a procura de rumos para uma nova dinâmica do viver:

"Estou num grande jardim que tem um coqueiro, eu subo e logo vem uma cobra que se enrola no meu corpo, começo a gritar: Meu Deus!... Meu Deus!... Vou caíndo e acordo assustada!"

As imagens deste sonho, apesar de modernas e pessoais, guardam um estreito paralelo entre si e o antigo mito do Jardim do Éden. Com base neste paralelo arquetípico e através de algumas das associações, podemos interpretar o jardim como símbolo do Éden; o coqueiro, com a presença implícita de cocos, como réplica da macieira e a serpente representando o proibido, indica que a sonhadora está vivendo uma fase de confronto com o lado mais negativo da sua personalidade. Há um retrocesso da libido indicando um clima de exacerbação da sexualidade. O grito representa o medo quase que retilíneo do desconhecido. Porém, o sonho vem sugerir um corte longitudinal do mais arcaico (o Éden) ao mais biologizante – a união de opostos no inconsciente. Onde jardim simboliza a terra propícia para o fruto e o coqueiro, sem subterfúgios, o par desejado – animus.

Em síntese, podemos considerar a existência do herói através do grito e da queda que apontam para o confronto e o afastamento de algo desconhecido. Porém, a busca não é descartada.

Tanto que o sonho seguinte, da mesma mulher, ratifica o primeiro:

"Sonho com meu filho chorando, levanto para lhe dar de mamar. De repente aparece uma quantidade enorme de água. Coloco meu filho na cama e a água continua aumentando... Começo a me afogar, mais depois de muita luta, aparece um desconhecido que indica uma saída."

Neste sonho o choro se apresenta como um alerta, um alarme, que cataliza uma associação: um chamado que deve ser atendido, mas com um conflito: alimentar o ego para que se torne autônomo a partir dessa energia; a água simboliza os obstáculos a serem vencidos e ultrapassados. A sonhadora demonstra disposição para enfrentar a luta, dando assim oportunidade ao nascimento do herói que foi convocado para desbravar a região desconhecida da psique. O desconhecido aparece como um guia marcando o início da caminhada.

Ainda na espera desta primeira etapa, apresentamos o sonho de um homem que revela os mesmos motivos do primeiro:

"Estou num jardim. É um jardim que não conheço mas tenho certeza que já estive lá. Espero uma amiga, ela chega com uma cobra enrolada no braço... Depois ela começa a subir uma escada e de repente é outra amiga. Olho-a espantado e continuo tratando-a pela outra."

Este sonho guarda uma íntima semelhança com o primeiro: o jardim; a escada (réplica da macieira); a serpente, até chegar ao exemplo da fusão de opostas no inconsciente, onde o sonhador encontra a anima, mas a recusa.

Finalmente, mais dois sonhos e uma história serão suficientes para ilustrar o nascimento da figura do herói que vem para dar novos rumos ao desenvolvimento psíquico do indivíduo:

"Sonhei tendo um 'bocado' de filhos eram muitos... Mas de repente todos se transformavam em um só homem... Vamos para um jardim colher flores e frutos, no meio a uma tempestade."
(Sonho de uma mulher).

O segundo sonho é de uma mulher cuja vida está bastante marcada pela busca incessante de um companheiro:

"Estou indo para um quartel a procura de um amigo. Ele não foi trabalhar porque não teve expediente. Na volta encontro uma grande queimada, tento apagar o fogo... mas só consigo com a ajuda de um velho que passa pelo local."

A história da lâmina 6 é da mesma mulher do primeiro sonho:

"Aqui é uma moça pensativa, ela encontra um senhor muito simpático que pergunta: Você quer vir comigo? Vão para debaixo de uma árvore, trocam idéias e formam um par, para tentar a vida à dois..."

Estas ilustrações exprimem essencialmente a realidade arquetípica da psique, bem como seu processo de desenvolvimento, ou seja, através dessas demandas são apresentadas se nhas que indicam a preparação do caminho para um aumento progressivo de consciência: os elementos fogo, fruto e árvore são símbolos da consciência que confrontados com os elementos arquetípicos, por exemplo, a figura do herói que aparece como salvador: anima e animus, vêm marcar o início de uma nova eta pa.

Em síntese, ressaltamos nesta primeira etapa de desenvolvimento a integração da sombra, isto é, a tomada de consciência do inconsciente pessoal, os arquétipos persona e sombra, que sem a qual é impossível qualquer conhecimento da anima e do animus. A emergência é corroborada pela regressão que exorciza os primeiros fantasmas desencadeando conflitos que podem servir de trilha para a maturidade.

2 - LUTA E CONFLITO

Embora o ego já tenha começado a se diferenciar, permanece, ainda, em uma estreita identificação com o self.

Nesta segunda etapa, o herói na sua caminhada deve sobreviver a uma sucessão de lutas e conflitos. O ego agora confronta-se dialeticamente com os arquétipos anima e animus, a consequência disso é a consciência dos opostos — o conhecimento do bem e do mal — que significa ser lançado num estado de conflito, que é o modo pelo qual cada aumento do grau de consciência anuncia a presença do conflito.

É a etapa anterior que conduz à individuação por um lado, por outro de acordo com a afinidade estrutural e dinâmica do eixo ego-self, o herói pode se perder no turbilhão de imagens e caminhar a ermo sem jamais conseguir a sua vitória, tornando-se um herói fracassado, ou seja, no desenvolvimento da personalidade a integridade e estabilidade do ego de pendem da conexão com o self.

Então, a psique que não recua à jornada do herói se depara com uma figura protetora que fornece ao aventureiro senhas que o protejam contra as forças perigosas com as quais terá que enfrentar e prosseguindo corajosamente, confor me se desenrolam as conseqüências, o herói tem como aliadas todas as forças do inconsciente, mas para isso terá que pas sar por provas e vencê-las. Caso contrário, o herói se trans forma numa vítima a ser salvo.

Os exemplos que se seguem, o sonho de uma mulher, e outro de um homem respectivamente, caracterizam muito bem a trajetória do herói nesta etapa:

"Vou por uma estrada, encontro muitos sol dados marchando, fico com medo deles e vou andando, andando... aparece um abis mo levo uma grande queda. Levanto e come ço a andar, pois um homem me segura pela mão e seguimos a estrada."

Estas imagens pessoais e arquetípicas nos levaram às associações seguintes: o caminhar na estrada significa a dinâmica da vida presente da sonhadora, os soldados são figuras metaforizadas dos guardiões das forças inconscientes, co mo também a presença de homens sem significação especial, mas

com quem a sonhadora teve encontros fortuitos. O abismo e a queda fazem uma alusão ao mito de Ícaro e ratifica o envolvimento de sua sexualidade, dando vez ao conflito explícito no todo do sonho, ou seja, a queda dos possíveis valores morais introjetados. Porém, a energia positiva do herói aparece situando a entrada do animus num encontro harmonioso entre as forças conscientes e inconscientes da sonhadora.

O segundo exemplo (é do mesmo sonhador da primeira etapa):

"Estou indo à dentista. Não encontro o seu consultório, mas um que não é o dela... tem um corredor parecendo uma repartição, carpete vermelho/marrom. Chego lá e não encontro a dentista, toca o telefone, é a dentista pedindo para eu fazer uma faxina... Quando começo a passar o aspirador de pó, chega uma velhinha que me ajuda na tarefa."

De acordo com as associações, temos os mesmos elementos do primeiro sonho: a caminhada já tendo um rumo certo simbolizada pela ida à dentista, que também remete à exacerbação da sexualidade do sonhador. A descrição do ambiente indica a tomada de consciência de conteúdos inconscientes e que apontam para a identificação do herói com o arquétipo anima, simbolizado na figura da velhinha.

Dentro desse mesmo gênero, ilustramos esta etapa com narrativas de histórias do T.A.T. em que configuramos um herói em luta e sempre pronto para recomeçar. São histórias de duas jovens e um homem sucessivamente:

Primeiro exemplo – lâmina 11.

"Parece uma caverna, um lugar muito tumultuado as pessoas que moram aqui vivem em constantes aflições, mas tem uma mulher em forma de pássaro que aparece para aliviar a todos (confusão superada)."

Segundo exemplo – lâmina 09.

"Duas mulheres que estão atravessando um rio corrente, estão com medo, a correnteza está forte. Mas depois de muita luta elas conseguirão chegar do outro lado da margem, guiadas por um salva-vidas (rio caudaloso)."

Terceiro exemplo – lâmina 16.

"Bom é uma mulher contando a história da vida dela, que um dia foi engolida por um dragão e somente no sétimo dia foi que apareceu um herói para salvá-la (o herói)."

Nesta história, o inusitado em relação às outras é a alusão ao tema bíblico da Criação do Mundo, que para o autor da história, isso significa sete anos da sua vida dedicados ao álcool, livrando-se do vício por meio da terapia.

Todos os exemplos citados indicam personalidades em desenvolvimento tendo por meta chegar ao final do processo de individuação.

As expectativas são muitas e variadas, porém a fenomenologia do processo é vivida exclusivamente por cada ser único.

Porém, ao contrário desta caminhada encontramos os casos em que o herói se recusa a enfrentar os conflitos do inconsciente pessoal e o indivíduo aprisionado por forças infe

riores perde a ação positiva dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva.

Dois exemplos serão bastante para caracterizar esta faceta do desenvolvimento psíquico.

A primeira ilustração, narrativa da lâmina 15, é de um homem cuja a temática de vida evidencia, com primazia, uma constante criação de problemas para si próprio e permanente regressão da energia libidinal que conseqüentemente, levará ao fracasso:

"O local parece um cemitério, é feio, sombrio e triste. Existe um fantasma que está rondando em busca de uma alma em sofrimento, agora que já encontrou-a vai levá-la consigo para a morte."

A segunda ilustração, é de uma mulher cuja mãe já faleceu, porém em seus sonhos essa sempre aparece viva:

"Sonho com minha mãe viva chegando em casa. Ela vai tomar banho e deixa suas roupas em cima da cama... De repente sou eu quem está vestida com as roupas da minha mãe. O mais estranho é que me sinto como se estivesse dentro dela e não consigo sair."

Em ambos os casos a temática presente recapitula o problema da recusa ao apêlo do herói e deixa claro que a recusa é essencialmente uma renuncia a algo que a pessoa considera de interesse próprio, ratificando desta maneira o que os mitos e os contos de fadas, em geral, dizem.

Nos dois exemplos, as associações evidenciam que a consciência foi tragada pelo monstro do inconsciente – fantasma e mãe morta, respectivamente. Atualmente são pessoas que

não dispõem de energia positiva e suficiente para que sejam expelidos das profundezas do inconsciente. O tempo e o espaço da história e do sonho, criam um cenário singular com a presença de um protagonista forte: o herói sofredor.

São casos como estes que apontam para possíveis psicopatologias.

Em suma, nos dois casos houve um corte no processo de desenvolvimento ocasionado por possíveis situações traumáticas da infância. Contudo, o processo terapêutico poderá, nessas pessoas, detonar os dispositivos emperrados e pôr em marcha a energia favorável à subsequente etapa da trajetória e evolução da psique.

3 - TRIUNFO/DERROTA

Depois do confronto dialético do ego com a sombra e com os arquétipos anima e animus, passamos a compreender o encontro do ego com a totalidade psíquica — o si-mesmo. É a terceira etapa do desenvolvimento da personalidade, é a mais avançada na diferenciação do ego a partir do self.

É o processo de individuação que se inicia através do encontro do ego com o inconsciente pessoal, que é estruturado pelos arquétipos da persona e sombra e sucessivamente confronta-se com os arquétipos do inconsciente coletivo: anima e animus e o self.

Resguardamos a importância do processo de individuação para nossa psicologia contemporânea, pois a singularidade

individual significa uma integração dos componentes psíquicos e uma diferenciação progressiva das funções e capacidades do indivíduo.

Nesse processo a própria natureza contribui com a trajetória e evolução do herói, e quando a ação do herói coincide com a ação para a qual sua sociedade está pronta, este se inscreve no contexto histórico e cultural da época.

Sintetizando, o efeito de uma personalidade individualizada quando triunfa, significa o renascimento/ressurreição do herói que passou por um mundo de sofrimentos, conflitos e incertezas, mas que agora é um ser único, com maior consciência do seu papel no mundo em que vive. Esta passagem é simbolizada universalmente através do útero ou ventre de baleia.

Os exemplos que apresentamos a seguir revelam o sentido do confronto do ego com o si-mesmo.

O primeiro exemplo é do mesmo homem, seguindo a sequência dos sonhos, da primeira e segunda etapas:

"Sonho encontrando com uma amiga que está muito alegre e com saúde. Porém, no sonho sei que ela já é morta... mas vejo-a viva e segurando no colo, com muito carinho, um menino."

Este sonho marcou a morte da projeção da anima recusada (no sonho citado na segunda etapa) e apresenta um fecho apoteótico transparecendo em sua estrutura íntima, o estado psíquico atual do sonhador, ou seja, a anima idealizada e aceita resgata a psique das profundezas do monstro, renascendo, portanto, um novo homem simbolizado pelo menino no colo da mulher.

Enfatizamos dois pontos: primeiro as associações ratificaram os conflitos do sonhador em relação às manifestações da anima recusada. E por último chamar atenção para a clareza e condição retilínea do sonho – o confronto com o self – fica patente.

Não menos transparente é o sonho relatado por outro homem:

"Estava numa piscina em um clube. Vou a uma espécie de vestiário subterrâneo, para trocar a roupa, chegando lá a porta era tão estreita que não dava para entrar... depois de muito esforço consigo, me sinto triunfante!"

Este sonho condensa todas as etapas do desenvolvimento do herói, interpretadas progressivamente nos motivos: a piscina em um clube simboliza o "bem estar" no útero materno, significando o estado inicial da sua psique; mas em seguida surgem os conflitos que têm como símbolos o subterrâneo (confronto com a sombra) e a trocar de roupa (livrar-se da persona). Neste jogo dialético entre as lutas e a ampliação da consciência o herói emerge sob as forças guardiãs (porta estreita) do inconsciente, dando vez a uma personalidade individuada.

Destacamos ainda como ilustração da terceira etapa do desenvolvimento psíquico, a narrativa da história da lâmina 13:

"Aqui é uma velhinha subindo uma escadaria, lá em cima ela olha para baixo e começa a cair vagarosamente, enquanto vai repensando tudo que fez na vida e agora vai morrer. Porém, para sua surpresa quando chega ao chão, ela se rejuvenesce transformando-se numa linda moça!"

A autora desta história é a mesma mulher que seguimos na série de sonhos, etapas da sua trajetória.

Esta história evidencia a temática apontada nos dois sonhos anteriores. A história incorpora a imagem arquetípica do animus, que é transformado (velhinha) para atender aos propósitos de triunfo da autora da história. O elemento mais marcante da história é a sensação de morte que foi considerada como algo que indica seu medo consciente do inconsciente. Porém, a ação do herói expressou um padrão de força e segurança, simbolizado pela terra firme, configurando no seu curso a vitória do processo de individuação.

Os casos onde apontamos a derrota do herói foram descritos na segunda etapa porque entendemos que em se tratando dos conteúdos psíquicos, estes não se encontram tão separados e estanques, desta forma caracterizamos uma transição dialética entre o final de cada etapa e o início da subsequente e vice-versa. Assim, se a derrota se sacraliza na segunda etapa não triunfa na terceira, mas por outro lado, alguns indicadores podem apontar um sucesso que termina em derrota, somente, no final do processo – daí a transição.

Em termos teórico é a etapa de completa consciência do eixo ego – si-mesmo. Porém, essa perfeição ideal de realização integral da totalidade psíquica é uma tarefa tão árdua que provavelmente, à esse nível, não seja possível numa situação prática.

Mesmo assim, o material estudado revelou conteúdos cujas significações corroboraram o referencial teórico que serviu de apoio metodológico.

C O N C L U S Õ E S

Algumas das conclusões apresentadas baseiam-se no material coletado e estudado. Outras foram inferidas de tendências coincidentes que apontavam em determinada direção e que podem servir de hipóteses de trabalho para novas investigações nesse campo tão amplo e complexo: os padrões psicológicos coletivos.

A finalidade principal desta pesquisa foi tentar compreender a emergência arquetípica do mito do herói no desenvolvimento da personalidade do homem contemporâneo, através das etapas da trajetória e evolução do herói.

Este estudo apesar das limitações e dificuldades que sabemos existir nos conduzem às conclusões que se seguem:

Segundo o material de que dispomos, nossa prática se apresenta compreendendo que a função psíquica do desenvolvimento da personalidade é estruturar o ego e ampliar a consciência, através de padrões arquetípicos regidos e emanados do self, desde o início até o fim da vida.

A origem e desenvolvimento do ego a partir dos processos inconscientes é o ponto fundamental da trajetória e evolução do herói.

Quanto às narrativas de histórias do TAT e relatos de sonhos, embora as conclusões feitas não devam ser generalizadas, nossos dados sugerem maior riqueza de conteúdos no material onírico que no da vida consciente.

Isso significa para nós a evidência de que, nas histórias do TAT, ao contrário dos sonhos, há uma severa indução e imediato corte da imaginação e espontaneidade, pois a pró-

pria apresentação da lâmina com um motivo restringe a criação da pessoa. Sentimos no fluir da história um certo cuidado para não se distanciar do motivo apresentado. Porém, somente no final, na grande maioria das histórias e na lâmina 16 a pessoa deixa-se levar pela fantasia e originalidade. Neste ponto interligamos o simbolismo da história com a condição psíquica atual da pessoa.

Esta diferença constitui, ao nosso ver, a pujança vital do arquétipo e a importância do sonho, também, no processo terapêutico, pois é através da *série de sonhos* que as representações coletivas são reconhecidas com maior clareza e conseqüentemente encaminham o trabalho terapêutico para a dimensão pessoal e social, porém este sucesso dependerá da maneira como os símbolos são compreendidos corretamente pelo terapeuta.

Ratificamos a posição bipolar da significação arquetípica do herói, pois o mesmo padrão arquetípico que ascende para fortalecer o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo é o mesmo que, em certos casos, se rebaixa ao fracasso retrocedendo a energia libidinal, ocorrendo dessa forma a perda de um referencial de apoio na consciência e/ou a submersão até a psicose.

Compreendemos o processo desta maneira através das ilustrações de sonhos e histórias que revelaram personalidades que ultrapassaram, gradualmente, as etapas da trajetória e evolução do herói e apontam para o processo de individuação; e personalidades onde o herói ainda está lutando e/ou perdido nos labirintos escuros das entranhas do monstro.

Tal fato nos sugere que o acompanhamento do grupo estudado, através do processo terapêutico, permitirá uma maior clareza em relação ao significado dos resultados do presente estudo.

Daí levantamos a questão:

Até que ponto podemos garantir que sendo a individuação a meta perseguida por todo ser humano, este a atinge sem a atuação de um suporte psicológico?

A questão é aberta e sintetizamos a individuação como a integração das forças gigantescas que emanam do centro da personalidade – o self – que expressa a realidade total do ser. É a experiência última, numinosa e mesmo transcendente que a partir de conteúdos coletivos o indivíduo atinge o mais alto patamar da singularidade.

Consideramos pois, que todo o sentido do mito onipresente da trajetória do herói reside no fato de servir essa trajetória como padrão geral para homens e mulheres, onde quer que se encontrem. Assim sendo, o mito é formulado nos mais amplos termos. Cabe ao indivíduo, descobrir sua própria posição com referência a essa fórmula humana geral e então deixar que ela o ajude a ultrapassar as barreiras que restringem seu desenvolvimento.

B I B L I O G R A F I A

1. AUGRAS, M. A dimensão simbólica; o simbolismo nos testes psicológicos. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1980.
2. AUGRAS, M. O duplo e a metamorfose; identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis, Vozes, 1983.
3. CAMPBELL, J. El héroe de las mil caras. México, Fondo de Cultura Econômico, 1959.
4. CIRLOT, J. E. Dicionário de símbolos. Barcelona, Labor, 1969.
5. EDINGER, E. F. Ego e arquétipo. São Paulo, Cultrix, 1972.
6. ELIADE, M. Imagens e símbolos. São Paulo, Perspectiva, 1969.
7. ELIADE, M. Le soleil et les cultes solaires. In: Traité d'histoire des religions. Paris, Payot, 1968.
8. ELIADE, M. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972.
9. FRANZ, M.-L. von. O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fada. São Paulo, Cultrix, 1980.
10. FRANZ, M.-L. von. Alquimia; introdução ao simbolismo e à psicologia. São Paulo, Cultrix, 1980.
11. HILLMAN, J. O mito da análise; Três ensaios de psicologia arquetípica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

12. HALL, J. A. Jung e a interpretação dos sonhos; manual de teoria e prática. São Paulo, Cultrix, 1983.
13. JACOBI, J. Complex, archetype, simbol in the psychology of. C. G. Jung. New York. Pantheon Books, 1959.
14. JUNG, C. G. Memórias, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1963.
15. JUNG, C. G. Símbolos de transformación. 4ª ed., Buenos Aires, Paidós, 1962.
16. JUNG, C. G. Psicología y alquimia. Buenos Aires, Rueda, 1957.
17. JUNG, C. G. Arquetipos e inconsciente colectivo. 2ª. ed. Barcelona, Paidós, 1981.
18. JUNG, C. G. Formaciones de la inconsciente. Barcelona, Paidós, 1982.
19. JUNG, C. G. O homem à descoberta da sua alma. Porto, Tavares Martins, 1975.
20. JUNG, C. G. et alii. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
21. JUNG, C. G. Psicologia do inconsciente. Petrópolis, Vozes, 1978.
22. JUNG, C. G. O desenvolvimento da personalidade. Petrópolis, Vozes, 1981.

35. SILVEIRA, N. Imagens do inconsciente. Rio de Janeiro, Alhambra, 1981.
36. STORR, A. As idéias de Jung. São Paulo, Cultrix, 1973.
37. SAMUELS, A.; BANI, S. e PLAUT, F. Dicionário crítico de análise junguiana. Rio de Janeiro, Imago, 1988.